

3. O espírito e o cérebro

O que é um espírito capaz de conceber
um cérebro capaz de produzir um espírito?

Quem poderia duvidar da presença do espírito? Renunciar à ilusão que vê na alma uma "substância" imaterial não significa negar a sua existência, mas, ao contrário, começar a reconhecer a complexidade, a riqueza, a insondável profundidade da herança, genética e cultural, bem como da experiência pessoal, consciente ou não, as quais, juntas, constituem o ser que somos, único e inegável testemunha de si mesmo.

Jacques Monod

Se, atualmente, alguém considera possível deduzir a fenomenologia intelectual ou espiritual da atividade glandular, pode contar seguramente a priori com a estima e a atenção do seu auditório; se, em contrapartida, alguém se divertisse vendo na decomposição atômica da matéria estelar uma emanção do espírito criador do mundo, o mesmo público deploraria a anomalia mental do autor. E, contudo, essas duas explicações são igualmente lógicas, metafísicas, arbitrárias e simbólicas (...) A hipótese do Espírito não é em nada mais fantástica do que a da Matéria.

C. G. Jung

O extraordinário problema

Eis aqui duas noções, o cérebro e o espírito, ligadas por um nó górdio que não se pode desatar, em torno do qual giram as visões de

mundo, do homem, do conhecimento, em relação às quais só se pode decidir com um bárbaro golpe de espada.

Nesse sentido, eles são dois aspectos do mesmo. Mas, simultaneamente, que fosso ontológico, lógico, epistemológico, há entre o cérebro e o espírito!

O que tem a ver esse miolo gelatinoso com as idéias, com a religião, a filosofia, a bondade, a piedade, o amor, a poesia, com a liberdade? Como pode essa massa mole, tão surpreendente quanto o abdômen da rainha das traças, gerar incessantemente discursos, meditações, conhecimento? Como pode ser que essa substância indolor nos dê a dor? Que sabe esse magma insensível da infelicidade e da felicidade que nos faz conhecer? Inversamente, o que sabe o espírito do cérebro? Espontaneamente, nada. O espírito é de uma cegueira extraordinária em relação ao cérebro, sem o qual não existiria. A prática médica reconheceu, desde Hipócrates, o papel espiritual do cérebro; o conhecimento experimental começou a explorá-lo.

O espírito nada sabe, por si mesmo, do cérebro que o produz, o qual nada sabe do espírito que o concebe. Há ao mesmo tempo abismo ontológico e opacidade mútua entre, de um lado, um órgão cerebral constituído de milhares de neurônios ligados por redes, movidos por processos elétricos e químicos, e, de outro lado, a Imagem, a Idéia, o Pensamento. Contudo é juntos, mas sem se conhecer, que eles conhecem. A unidades deles é conhecimento, sem que disso tenham conhecimento. São estudados em separado: um pelas ciências biológicas, o outro pelas ciências humanas. Psicociências e neurociências não se comunicam, embora a questão principal para ambas tivesse de ser a da ligação entre elas.

O grande cisma

Um mesmo paradigma não pára de impor um antagonismo insuperável às nossas concepções do espírito e do cérebro. Estas permanecem condenadas à disjunção, à redução (do espírito ao cérebro) ou à subordinação (do cérebro ao espírito). A Grande Disjunção que reina na cultura ocidental desde o século XVII ventilou o cérebro no reino da Ciência, submetendo-o às leis deterministas e mecanicistas da matéria, enquanto o espírito, refugiado no reino da Filosofia e das